

IDENTIDADE CULTURAL: um olhar sobre o Toré dos povos Xukuru-Kariri

Maria Aparecida Oliveira dos Santos*

José Adelson Lopes Peixoto*

Resumo: Este trabalho tem como objetivo discutir o ritual do Toré como identidade cultural dos povos indígenas e em especial a comunidade Xukuru- Kariri, grupo esse que sofreram com a invisibilidade, prática e resistência cultural, além disso, contribuir para a divulgação da tradição cotidiana da comunidade. A pesquisa está embasada nos estudos bibliográficos, nas obras de autores como; José Carlos Reis, Clarice Mota, Roque de Barros Laraia, Christiano Marinho, Cristina Moreira, Adelson Lopes, Tiago Silva, Rita Neves e os apontamentos de Caminha para ampliar meu olhar neste estudo. Ressalta-se que o Toré é uma dança ritualística, praticado até os dias de hoje e acontece em vários momentos podendo ser realizado publicamente, tendo a participação do não índio e também pode ser limitado ao espaço sagrado do Ouricuri, onde há interdição aos não índios, pois tratar desse tema exige muita cautela, primeiro pelo silêncio do povo, segundo pela simbologia e sacralidade, uma vez que dele emana a cura e orientações espirituais. Contudo percebe-se a importância dos Xucuru-Kariri preservarem essa identidade e passar para as futuras gerações esse antecedente cultural que lhes caracterizam como povos indígenas.

Palavras-Chaves: Índio. Ritual. Cultura.

Considerações iniciais

Com a chegada dos portugueses ao território da América, à chamada terra nova, descortinou-se um vasto território de florestas belíssimas, habitadas por homens pardos, nus, armados com arcos e setas, criando a imagem de indivíduos sem pudor, alma ou fé, e logo despertaram a cobiça sobre as riquezas e a posse da terra o que justificou a posterior vinda dos jesuítas para salvá-los.

Isso iniciou o processo de catequização, ou seja, a igreja católica encontrou neles a predisposição para a conversão e culminou na destruição de elementos das culturas indígenas, chegando inclusive a dizimar alguns povos. Nesse contexto, fatores religiosos e ritualísticos vão se configurar como imprescindíveis para a preservação da identidade e dos elementos que permitem manter viva sua cultura.

Por serem vistos como selvagens pelo homem branco, muitos povos indígenas foram submetidos ao trabalho doutrinário, mão-de-obra escrava e a se

* Graduada em História e membro do Grupo de Estudos de História dos Povos Indígenas de Alagoas – GEHPI-AL na Universidade Estadual de Alagoas – Campus III – Palmeira dos Índios. E-mail: aparecida.oliv.92@gmail.com

* Mestre em Antropologia e em Ciência da Educação. Especialista em Programação do Ensino de História e Licenciado em História. Atualmente é Professor Assistente na Universidade Estadual de Alagoas. E-mail: adelsonlopes@hotmail.com.

adaptarem ao cristianismo, toda essa implantação mexeu com a vida dos povos indígenas e só através da fé no sagrado que eles conseguiram lutar e permanecer com sua marca de origem e seus rituais é o ponto mais importância para os povos indígenas e temos como um dos principais rituais o Toré, ritual esse que está presente em todo evento ritualístico dos povos indígenas.

No nordeste brasileiro, essa situação é mais visível, pois as comunidades indígenas dessa região sofreram mais com a imposição da cultura européia do que os povos de qualquer outra região. Os efeitos da colonização foram intensos e a religião foi à fronteira entre as duas culturas e, pode-se dizer que foi o elemento responsável pela preservação e transmissão da identidade nativa.

Um exemplo disso pode ser observado no município de Palmeira dos Índios alagoas, que abriga o povo Xucuru-Kariri que são oriundos dos Kariris da Bahia, (as tribos do Médio e Baixo Rio São Francisco), que se deslocaram para Alagoas no intuito de fugir da ameaça forte do colonizador e permanecerem intactas suas tradições, através da comunicação religiosa e cultural do Toré, que foram no início rejeitado pelo homem branco, ritual de grande relevância para os povos indígenas.

O ritual do Toré como identidade cultural dos povos Xucuru-Kariri.

Durante o século XIX vários grupos indígenas ainda continuaram afirmando a sua identidade indígena e reivindicando seus direitos, direitos esses que a legislação concedia, ou seja, sempre lutando por sua identidade, pois no olhar de Almeida, a identidade “É entendida também como construção histórica de caráter plural, dinâmico e flexível” (2010, p.24). Ou seja, notamos que a cultura indígena é considerada marca identitária desses povos, por se tratar de uma cultura de construção histórica que caracteriza todos os grupos étnicos.

Adiante a autora continua “entendem-se, hoje, as identidades como construções fluidas e cambiáveis que constroem por meio de complexos processos de apropriações e ressignificações culturais nas experiências entre grupos e indivíduos que interagem”. De acordo com autora analisamos como se forma as identidades de um grupo, a partir de suas histórias e experiências vividas entre os grupos. Porém essa idéia de identidade não era bem vista por grandes estudiosos como Varnhagen e entre outros que negam a história indígena, sua cultura e religião.

Essa historiografia linear, caracterizada pelas lutas dos povos indígenas e pelo reconhecimento identitário de sua etnicidade cultural, história essa que os mesmos são tirados de sua própria origem e cultura essas vistas pelo homem branco como coisa exótica, bárbaros que não faz parte da nossa sociedade. De acordo com o autor Varnhagen

[...] uma gente nômade, que vivia em cabildas, morava em aldeias transitórias, pouco numerosas em relação à extensão do território. Violentos de patriotismo. Rodeado de feras e homens-feras não podem nele desenvolver a parte afetuosa da nossa natureza, a amizade, a gratidão, a dedicação. (VARNHAGEM, 2000, p. 35-6).

De acordo com a citação podemos afirmar a imagem que o europeu construiu do índio era a imagem de um ser selvagem, exótico, que não se enquadrava no modelo de sociedade que o europeu conheceu. Era uma cultura que não deveria está presente na sociedade, pois o seu modo de viver era muito diferente. A partir desse pensamento, desenvolveu-se uma história de negação e exclusão do nativo brasileiro.

Nessa ótica analisamos na historiografia o quanto o indígena era negado no passado e o quanto essa negação reflete em discriminação na sociedade atual, um conhecimento superficial que é imposto pela sociedade, ou seja, falam do que não conhecem, negando essa identidade que faz parte da história do Brasil, uma vida que deve ser esquecida. De acordo com Varnhagen.

Esse é o passado do Brasil que deverá ser esquecido ou que não deverá influenciar na construção do futuro da nação brasileira, se preservado. O presente futuro do Brasil se assentaria em um outro passado, naquele que veio do exterior para pôr fim a essa barbaria e selvageria [...]. Com a chegada do cristianismo, do rei, da cultura da civilização, com a chegada dos europeus a este território, o Brasil surgiu e integrou-se no meio da providência. (VARNHAGEN, 2000, p.36-7).

Pode-se perceber, na transcrição acima, que o autor fala de uma cultura que deve ser silenciada e que não pode fazer parte da nossa sociedade, ou seja, o futuro do Brasil deve está ligado ao modelo de cultura pensado pela civilização portuguesa. A cultura nativa se contrapõe a esse modelo cristão-europeu que desde o início da colonização brasileira vem sendo depreciada nos escritos de cronistas, viajantes e até de historiadores, como Varnhagen, que defendem a ideia de denominação e até de 'acabar com o que chamavam de barbárie e selvageria.

Esse contexto de negação e estigmatização caracterizaram a história dos povos indígenas do Brasil e não foi diferente no interior de Alagoas com os Kucuru-Kariri que conseguiram manter a unidade étnica e cultural com a preservação das suas crenças e rituais, mesmo em situação de trocas simbólicas com elementos das religiões européia e africana. Tal sincretismo lhes resultou em hibridismo cultural e na modelagem de um indivíduo novo, fruto do sofrimento e da resistência.

Sobre a resistência, o ritual religioso denominado de Ouricuri é a principal marca desse povo e de outros povos do nordeste brasileiro. Acontece em espaço reservado aos indígenas, enquanto que suas práticas vão lentamente sendo exposta a sociedade no entorno da aldeia, através de um bailado circular denominado de Toré. Pode-se afirmar que o ritual fortaleceu o grupo em tempos de silenciamento e negação e por sua vez serviu para criar uma caracterização identitária.

Múltiplos olhares sobre o Toré dos povos Xucuru-Kariri

Ritual de muito valor para os índios do Nordeste, inclusive para os Kucuru-Kariri, o Toré é uma dança ritualística, circular marcada por fortes pisadas com o pé direito acompanhadas pelo som dos maracás e é caracterizada como marca identitária dos povos indígenas.

É uma dança ritualística por alguma graça alcançada. Pode ser realizado publicamente, recebendo uma conotação mais performática, folclórica e festiva; ou pode ser limitado ao espaço sagrado do Ouricuri, onde há interdição aos não índios que Menezes *apud* Peixoto enfatiza,

Durante a coreografia, o círculo gira sempre para o lado direito para evocar as forças positivas sobre os seus participantes. As mulheres e as crianças dançam fora do círculo principal composto por homens, podendo, em alguns torés, haver formação de pares que desenvolvem um bailado diferente da dança circular ao grupo. Nesse momento, os casais giram para frente, para trás, porém nunca para a esquerda. (PEIXOTO 2013, p.04).

De acordo com a citação analisamos como sucede a dança do toré nas comunidades indígenas, uma coreografia que deve conter os passos certos para não atraírem pensamentos negativos e cada indivíduo tem sua forma de participar do ritual, como as mulheres, homens e casais.

O Toré, ritual muito importante e de muito valor para os Xucuru-Kariri, onde acontece também no Ouricuri, no momento do ritual, espaço para oração mais também para festa e realizam para fazerem suas preces e orações. Onde com o barulho dos maracás sentem-se muito felizes, pois agradecem a Deus pelas boas coisas que recebem e livrá-los do mal, pedi-lhes proteção e força para a vida na aldeia.

O Toré como se pode perceber é algo significativo para os grupos indígenas, pois é um ritual que foi deixado pelos seus antepassados, que apesar de terem sofrido com o processo de pré- colonização conseguiu permanecer e adotar essas práticas que é uma tradição religiosa, um folguedo onde no momento de alegria eles dançam para agradecer e realizar seu ritual. Onde Clarice Novaes da Mota enfatiza:

Neste trabalho eu passo a pensar o toré como invenção grupal, como uma forma de essas sociedades se contemplarem sua existência pela fé, não necessariamente religiosa, mas fé no grupo enquanto uma comunidade étnica oriunda das tribos pré- colonização. Percebo o toré, ao interpretar os textos nativos sobre o mesmo e suas performances, como uma tomada de consciência do grupo como algo separado, imutável e indestrutível, que é legitimado por tais performances que acreditam ter sido uma herança dos antepassados. (MOTA 2005. p. 174).

A citação nos comprova que o Toré é uma prática religiosa, que foi passada de geração para geração, onde os mesmos devem preservar para não deixar a cultura acabar, pois é através do próprio que fazem com que os índios vivam em harmonia uns com os outros, é um momento de construir laços de amizade separados, e unir cada vez mais os povos indígenas em suas determinadas aldeias. Pois para os mesmos é uma prática ritualística que eles devem preservar para as futuras gerações, e com isso eles fazem com muito amor, companheirismo e muita dedicação.

O Toré dos povos Xucuru-Kariri é uma simbologia que dá força, coragem e sentimento de união para com o grupo, onde através do canto, das fortes pisadas nos pés e dos instrumentos como o maracá que é utilizado no momento eles agradecem as suas entidades por uma graça alcançada e aquela ocasião ritualística, para acontecer esse ritual é necessário a participação do grupo, componentes importantes para realizar o ritual. Como enfatiza Neves.

O toré Xukuru é dançado em fila indiana, formando um círculo. Um pequeno grupo de seis homens coloca-se á frente do círculo espiralado. O bacurau, que faz parte desses pequenos grupos, é responsável pelo início de cada canção do toré. Outros “puxadores” o acompanha com o maracá, instrumento de repercussão chocalhante, que ajuda a ritmar as músicas. Os demais, tanto homens, como mulheres ou crianças, acompanham esse primeiro grupo. (NEVES 2005, p.133).

De acordo com a citação podemos perceber como acontece o ritual do Toré dos povos Xucuru-Kariri, dança essa de grande importância e de um sentimento de gratidão e de louvor para com seu povo, onde com o acompanhamento do maracá instrumento usado durante o ritual ajuda nos ritmos das músicas e no momento da cerimônia.

O Toré como se percebe é algo significativo para os Xucuru-Kariri, por ser um ritual que foi deixado pelos seus antepassados, que apesar de terem sofrido com a perseguição forte do colonizador conseguiram permanecer e adotar essas práticas que é uma tradição religiosa, um folguedo onde no momento de alegria eles dançam para agradecer e realizar seu ritual, toda essa devoção encontramos também presentes em outras aldeias com os povos Truká, Gerlic (2011).

O Toré, pra nós abaixo de nosso pai Tupã, é a nossa ciência, a nossa sabedoria, que todas as mensagens e as dificuldades que a gente passa, nós temos que chamar os mensageiros de Luz. Nós temos muita fé primeiro no nosso pai Tupã, segundo nos Encantados que nós guia. O Toré, o Carua e o nosso maracá é a nossa ciência. E aqui a onde nós aprende a nossas rezas, nossos costumes. O toré pra nós é que nós ensina tudo. Não só aqui, como em todas as aldeias. Cada uma tem a sua ciência e em modos diferentes. É uma ciência que não podemos passar pra ninguém. Porque se nós passar, a aldeia deixa de ser aldeia, ai nós não temos mais ciência (Dona Lourdes Truká, p.28).

Os Xucuru-Kariri observam o Toré como uma simbologia que lhes trás a força, sabedoria, a cura, é um momento de aprender seus costumes, ou seja, igualmente aos dos povos Truká que é visto como o ponto auto cultura indígena e que ninguém pode passar para ninguém o que acontece.

O toré recebe denominações específicas sempre acontecendo em forma circular giratória, onde com o som dos maracás instrumento importante para a realização do Toré, os mesmos sentir-se felizes por aquele momento, essa coreografia é muito significativa para os Xucuru-Kariri e acontece na aldeia em vários tipos como enfatiza Moreira, Peixoto e Silva.

Toré de **roda** que significa união do grupo entre si e com os outros. Nesse toré, os índios demonstram que independentes da situação ser de dor ou de alegria, eles estão juntos e firmes nos seus ideais.

Toré **cruzado** representa o amor em todos os seus sentidos. Para a comunidade não índia, é visto como uma espécie de ritual que antecede a prática do sexo.

Toré da **lança** significa guerra e é executado em momentos conflituosos como forma de buscar ajuda dos deuses para conseguir êxito em batalhas.

Toré do **búzio** é um momento muito introspectivo do grupo, pois significa um momento de profundo contato com suas entidades espirituais.

Toré da **corrente** simboliza as alianças firmadas com todos aqueles que valorizam e respeitam a cultura indígena...

Toré de **passarinho** representa um dos maiores valores do ser humano, a liberdade.

Toré da **chuva** significa a grandeza de Deus, o seu poder de gerar e manter a vida, de renovar a paisagem e de renovar o espírito de ser humano. (MOREIRA, PEIXOTO, SILVA, 2011, p.52-53).

De acordo com a citação percebemos que os Xucuru-Kariri participam de sete tipos de torés e que são de grande relevância tanto para a aldeia como para a vida espiritual dos índios, pois os caracterizam como nação indígena e uma forma de contemplarem sua essência pela fé e a certeza de manter sempre viva a cultura para as futuras gerações passarem em diante.

TORÉ: ritual sagrado no 'Ouricuri'.

O ritual cadenciado do Toré, prática envolvente dos povos indígenas, além da apresentação na aldeia e para os não índios a mesma sucede no mundo sagrado denominado de Ouricuri, que foi sistematicamente combatido pelo homem branco, e por conta disso passou a serem praticadas as escondidas, antes de ser totalmente secreto e é através do santo Ouricuri que os índios prestam sentimentos de louvor e gratidão com seus antepassados, pois este ritual continua sendo uma das maiores vivências sagradas para as comunidades indígenas e em especial os Xucuru-Kariri, ritual que vem a força e a proteção para a aldeia.

Esse espaço denominado de ouricuri e um local da natureza são de grande importância, pois é onde são tratadas doenças. Lá encontram a paz e a tranquilidade, por isso que ainda continua fechado não admitindo outros povos de fora senão o próprio índio. É a última fronteira entre as duas sociedades. Korã *apud* Moreira.

O Ouricuri (palavra sagrada) que não podemos revelar muita coisa, lá é onde buscamos força, alegria, amor, paz, saúde e coragem para enfrentarmos esse mundo aqui fora, frequentamos nosso Ouricuri quinzenalmente, mensalmente ou quando sentimos necessidade. Os padres ao chegar para catequizar os índios queriam nos obrigar a seguir a religião deles, mas para nós índios religião é só um rótulo, porque nosso pai Badzér não deixou religião para ninguém, nos deixou sim a nossa mãe natureza onde emite para nós força através do trovão, do ar que respiramos, da chuva que nos molha da lua que nos clareia a noite e o sol que nos ilumina. E é lá no nosso Ouricuri que nós conseguimos entrar em contato com tudo isso da natureza numa maneira especial. (MOREIRA, 2010, p. 51).

A fala de Nhenety Korã enaltece o grande significado do Ouricuri para os povos indígenas, evento sagrado, marca identitária e espaço de congregação dos mundos físico e espiritual. É lá que praticam os saberes de seus ancestrais e se conectam com a natureza. No Ouricuri são tratadas algumas doenças, diagnosticadas como graves curadas por Deus através dos encantados e da força das pajelanças.

O ritual do Ouricuri ocorre quase semanalmente e no mesmo trata-se de doenças e celebram a vida e a morte e acontece em partes na aldeia, onde o não índio pode entrar, só pode participar do ritual aqueles membros que estiverem em dia com suas obrigações, ou seja, não ter ingerido bebidas alcoólicas e evitar relações sexuais, antes de entrar em contato com suas divindades, pois o corpo fica frágil a doenças. Por isso devem-se seguir essas regras para não se prejudicar e ficar frágeis a doenças.

Na comunidade Xucuru-Kariri o ritual do Ouricuri é o centro do universo, acontece no terreiro da Mata da Cafurna, uma área particular pronta para a realização do evento, onde nenhum branco pode entrar e nem saber o que acontece no momento por ser um lugar sagrado onde há tipo de comunicação entre eles que está preservado dentro do Ouricuri, um código para entrar em contato com o sobrenatural, pois a única coisa que definem eles índios são os seus rituais. Esse evento é sempre marcado pela presença de varias pessoas, porém entre elas se encontra o pajé por ser a figura central no momento do ritual.

Vale ressaltar outra referencial de grande importância no ritual do Ouricuri, o papel da jurema conhecida no ritual por (Mimosa hostilis), bebida típica dos povos indígenas, preparada em forma de vinho e é servida no momento do ritual, a mesma está presente no Ouricuri dos povos Xucuru-Kariri. Durante o ritual os índios reunidos ingerem essa bebida, e é o principal elemento destacado no Ouricuri, tendo

um papel muito complexo no ritual, uma vez que a jurema é uma planta com poder de proporcionar o acesso ao mundo espiritual.

Considerações finais

Portanto a cultura indígena foi alvo da ação política e religiosa portuguesa a partir da chamada descoberta do Brasil. Desde então tem se registrado sofrimentos e perseguições superadas pela forçada luta e da persistência que os fortaleceu na reivindicação dos seus direitos à cultura específica e diferenciada, nos moldes atualmente definidos pela Constituição Brasileira de 1988.

Com isso o Toré tem um significado emblemático da etnicidade, da cultura e religiosidade dos povos indígenas, caracterizado por músicas, danças ritualísticas, ingestão de bebidas como a jurema que proporciona acesso ao mundo espiritual, onde cada característica tem seu valor onipotente. Além disso, analisamos o Toré em vários tipos de comunidades indígenas cada qual com seu tipo ritualístico, ou seja, cada grupo étnico possui seu tipo de Toré e passam essa experiência aos demais grupos da aldeia.

Ressalta-se que hoje toda essa cultura, foi discriminada pelos colonizadores e até por nossa sociedade, ou seja, antigamente foram proibidas de ser praticada, aonde essa etnologia gerou a perda de várias culturas como a língua nativa, religiosidade, pois eram vistas como coisas demoníacas, que trazia má influência para a sociedade, porém através dessa disputa e com fé no sagrado os povos indígenas conseguiram permanecer intacta sua marca de origem.

Está dinâmica ritualística do Toré ainda vive na invisibilidade social, ou seja, o mesmo passou a ser mais de forma secreta, para poderem os não índios fazer parte dos rituais, ou seja, ainda hoje em sociedade vive essa invisibilidade da cultura indígena é apresentado ao público de fora é vista com outros olhos, como coisa exótica e que não faz parte da cultura identitária do Brasil.

Contudo esse universo ritualístico permite uma relação com a população envolvente, para partir daí as futuras gerações sentirem orgulho de ser índio, perceber seu valor incalculável que tem na sociedade, ou seja, toda a sociedade tem o livre arbítrio para viver e ser feliz, dependendo da raça ou religião que exerça.

Nesta ótica percebemos o quanto a população indígena sofreu naquela época e ainda sofre na contemporaneidade, por não serem aceitos como filhos

desta terra, e sempre serem vistos com outros olhos com um olhar de coitado que não tem a capacidade que o homem branco tem. A partir daí com todos esses pensamentos a população indígena durante sua vida vive a mudar visão de muitos e por isso muitos lutam e através na fé no sagrado conseguem a cada dia mudar esse pensamento e continuarem com seus rituais que são a maior vivência para as etnias indígenas.

Portanto, apesar dos Xucuru-Kariri ter passado por um processo histórico marcado por forte influencia do colonizador, mesmo assim adquiriram forças e fé no sagrado, para suprir esse processo de invisibilidade marcada pelo preconceito, para mostrar à humanidade a contribuição dessa cultura étnica para a sociedade miscigenada.

Referências

A carta, de Pero Vaz de Caminha. Carta a El Rei D. Manuel, Dominus: São Paulo, 1963. Texto proveniente de: Núcleo de pesquisa em Informática, licenciatura e linguística. Universidade Federal de Santa Catarina.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os Índios na História do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

MOREIRA, Ana Cristina de Lima. PEIXOTO, José Adelson Lopes. SILVA, Tiago Barbosa Da. **Mata da Cafurna: Ouvi Memória, Contar História: Tradição e Cultura do Povo Xucuru- Cariri Maceió**: Edições Catavento, 2010. 104p.

MOTA. Clarice Novaes Da. **Performance e Significações do Toré**: O caso dos Xocó e Kariri-Xocó. Regime encantado do índio do nordeste. Organizador: Rodrigo de Azevedo Grunewald. _ Recife: Fundaj, editora Massangana, 2005.

MENEZES, Isvaneide Alves. **Aldeia Indígena Mata da Cafurna: Reflexos da Descacterização Cultural dos Índios de Palmeira dos Índios**. Monografia. Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. 2014.

REIS, José Carlos. As Identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC.**IN (título do artigo)** 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2000.

SILVA, Cristiano Barros Marinho Da. **Índios do Nordeste: Temas e Problemas 5: Vai- te pra onde não canta galo, nem boi urra...** Diagnóstico, Tratamento e Cura entre os Kariri- Xocó: Organizador Luiz Sávio de Almeida. – Maceió: EDUFAL, 2004.

SILVA, Ânderson Barbosa Da. **Rituais Jiripankó: Um Olhar Sobre o Sagrado dos Índios do Sertão de Alagoas**. 2013. Monografia (Licenciatura Plena em História UNEAL, AL).